



Escrever, você escuta
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever é parte
de uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante
é a minha relação
com a escrita.

"Sento-me numa cadeira,
estiro as pernas,

busco apoio para a cabeça.
Não encontro sossego.

A cadeira é desconfortável,
não acolhe meu corpo.

Como é austero
o mobiliário sertanejo.

Não existem curvas nos
móveis, apenas ângulos retos.

Tudo é feito com madeira,

tiras de sola e couro cru.

Nenhum estofado ou almofada
que nos acaricie.

Somente as redes
envolvem e aconchegam.

As casas e seus objetos
provocam aspereza e tensão.

O poder masculino dita
as normas do desconforto,
ninguém relaxa nem se entrega
à preguiça.

Sentamos empalados em
cadeiras eretas.

Por que as mulheres permitiram
essa tirania?

Sinto falta de cores alegres,

curvas e
sinuosidades femininas."



O primeiro interesse
surge quando eu tenho o
primeiro contato com os livros.

Eu nasci num tempo
e numa região

onde os livros
eram objetos raros,

quase que objetos de fetiche.

E esse interesse é despertado
pelo livro como esse objeto,

um objeto que eu sei que
guarda ensinamentos,

guarda saberes,
guarda memória,

guarda histórias,
guarda narrativas,

então, assim, o interesse
pelo livro é o interesse

de desvendar
o mistério do livro.

Então, é isso.
Em casa tínhamos um livro,

um livro importante,
e esse livro me leva
aos outros livros.

Eu chamava de
"A História Sagrada".

Nós não chamamos de
"A Bíblia",

chamávamos
"A História Sagrada".

Há um fato muito interessante
na minha vida,

é que eu continuo a ler
esse livro,

essa história sagrada.
Continuo a ler, ler,

com nove anos, houve uma
maratona na minha cidade,

essa é gaiata, é um piada

para vocês rirem,

há uma maratona
na minha cidade,
envolvendo toda a cidade,

para ver qual aluno conhece
mais a história sagrada.

E começa então uma grande
maratona na cidade

para ver quem é o menino
que mais conhece a história
daquele livro,

conhece as histórias sagradas.

E eu então me revelo, assim,
um grande conhecedor.

E então vou sendo sabatinado
pelos professores,

por último, dizem,
empatam dois alunos da cidade,

aí, dizem: "Não, só tem uma
pessoa na cidade, realmente,

que tem autoridade para
sabatinar esses meninos..."

Vocês sabem o que é
sabatinar, não é?

É interrogar, questionar,
testar esses meninos.

"É o bispo." Aí, então,
eu nunca me esqueço desse dia

em que na minha escola chega
aquela figura solene imensa,

imponente, que tinha um anel,
ele cumprimentava a gente dando
a mão para a gente se ajoelhar
e beijar o anel.

E o bispo chega e nós então
começamos a ser perguntados,
e é uma manhã, o bispo sentado
na cadeira da diretora,

e o bispo fica muito admirado
com todo o nosso conhecimento.

Bom, o bispo resolve que nós
estamos empatados,

mas só há um prêmio,
o prêmio era um cordão de ouro

com um escapulário
de porcelana,

uma imagem de
Nossa Senhora da Conceição,

que era mostrada todos os
dias e que eu desejava demais.

E aí o bispo termina
então dizendo:
"Não. Estão empatados.

Não há mais jeito nenhum
de desempatá-los.

Eu vou usar o seguinte recurso:
quem dos dois é crismado?"

Eu não era crismado.

E eu não minto e digo:
"Não sou crismado."

E o bispo disse:
"Bom, você perdeu
e o prêmio é desse."

E há uma entrega oficial
na quadra do Crato
diante de 3 mil pessoas

e eu recebo, então,
um prêmio de consolação.

E meu prêmio de consolação
quando eu desembrulho

é uma nova História Sagrada.
A mesma versão que eu tinha,
só que não tão machucada.

Eu comecei a escrever
da seguinte maneira:

Minha mãe, como era
professora lá no sertão,

ela era quem escrevia
as cartas para as pessoas.

Vocês sabem que nós vivemos
num mundo ainda analfabeto,

as cidades de Minas Gerais,
dos sertões de Minas,

com mais 80% de analfabetismo,
como em Pernambuco, no Ceará,

como na Bahia, então,
é uma realidade.

Então, naquele tempo, sim,
o mundo era ainda
mais analfabeto,

então, precisava de escribas.
Então, a minha mãe escrevia

as cartas para os filhos

que tinham ido para São Paulo,
para os maridos que tinham ido
embora pra São Paulo,

para a irmã que tinha ido
embora para Brasília,

para comunicar as mortes.
Então, ela estava sempre
escrevendo cartas.

Na nossa casa havia filas de
pessoas sempre para
escrever cartas.

Quando a minha mãe foi ficando
cada vez mais ocupada com

os afazeres domésticos, então,
ela me delegou a função
de escrever cartas.

Então, em casa, todos os dias
havia pessoas para quem
eu tinha que escrever cartas.

Então, eu ouvia a história
das pessoas e depois tinha
que escrevê-las.

Então, "Ô, como vai,
Dona Josefa, a senhora tá bem?"

"Estou bem." "E aí, o que
senhora faz aqui?"

"Ô, meu filho, eu vim para você
escrever uma carta

para meu filho que está
em São Paulo."

"Sim, e a senhora quer que

eu diga o que?"

"Olhe, meu filho, eu quero que
você diga que a irmã dele foi
lá nadar no açude de seu tio

e ela se afogou e morreu."

"Ah, mas como foi?"

E aí eu ouvia a história toda,
toda a história era narrada

e depois eu dava um
acabamento literário. Então
eu comecei escrevendo cartas.

E havia cartas boas para dar
notícia de nascimento,

de batizados, casamentos etc.

Mas havia de um modo geral
histórias muito tristes, então,

eram longas cartas, as pessoas
contavam e choravam,
e choravam, choravam

e eu esperava que elas parassem
de chorar, depois elas contavam
de novo e aí eu

narrava e no final eu relia
para elas o que estava escrito

para ver se era o que elas
queriam, está entendendo?,

e era o que elas queriam,
e aí elas choravam de novo.

Ou então elas viam com cartas
que eu tinha que ler.

Traziam cartas que

deviam ser respondidas.
E eu lia cartas.

Ou então elas traziam
discursos para eu preparar,
traziam pedidos de casamento,
acabamentos de noivado,
faziam uma carta acabando
um noivado, então,
eu vivia muito ocupado.

E eu ganhava alguma coisa
com isso, porque sempre
ganhava presentes
por esses afazeres.

Depois disso,
quando eu entrei na escola,
havia um exercício,
não sei se vocês se lembram,

que os livros traziam vários
quadros e existia o que
se chamava "redação"

e existia "descrição". Então,
você tinha que descrever a
partir do que você via.

Então era uma leitura
puramente de dizer do que
você via, via, via.

Então, sem dúvida nenhuma,
a minha escrita é uma escrita
de quem vê,

de quem vê muito, porque o
que eu mais gosto na vida
é de ver.

Olhe, viagem para mim,
por exemplo,
é ir para um lugar...

Detesto ir em igreja.
Detesto ir em castelo.
Detesto...

"O que é que você gosta?"
Eu gosto de me sentar
em uma praça, assim,

junto de umas pessoas e escutar
o que elas estão falando.

Olhar como é que as pessoas
se sentam, como é que elas
encostam numa coluna,

como é que elas caminham,
o que acontece,
que movimento acontece.

Então eu sou uma pessoa
e a minha escrita é visual.

Eu sou uma pessoa... a minha
escrita é muito de sensações.

Eu chego aos sentimentos
pelas sensações.

Depois eu notava o seguinte:
que o meu pai, de noite,

ele sentava, acendia um
candeeiro e eu ficava
muito curioso

porque ele atravessava toda
a noite com um livro,

ele tinha, a partir dos livros
de minha mãe,

ele tinha entrado, assim,
de uma forma bem autodidática
no estudo da gramática,
da aritmética e ele começou
a se interessar demais, demais,
e a ler muito. E ele lia, lia
até o dia amanhecer.

Passava noites toda lendo.
Então, eu desejava ser
também um leitor

e meu pai então percebe que
os filhos têm interesse
pelas letras

e que não faz mais sentido
aquele mundo rural

e que ele tem que procurar
as cidades, os filhos farão
melhor futuro

se se tornarem
profissionais liberais.

E meu pai então arrenda a
propriedade e vai para a cidade
do Crato.

Na minha cidade havia uma
biblioteca que era mantida
pela Diocese e pelo município,

era uma biblioteca municipal.
Os livros todos eram terríveis,

eram quase todos
livros cristãos, entendeu?

Eram livros, assim,
absurdos. Eram...

mas mesmo assim eu li muito,
e eu acho que todo aquele
lixo literário me serviu muito.

Depois, quando eu tinha acho
que de 12 para 13 anos,

tiveram uma certa compaixão
de mim, a minha avidez toda
pelos livros,

me botaram então para
frequentar a biblioteca

da faculdade de filosofia
do Crato,
não havia universidade,

mas havia uma
faculdade de economia
e uma faculdade de filosofia.

Eu nunca havia visto uma
biblioteca tão monumental.

Quando eu vi aquela biblioteca,
eu fiquei, assim,

completamente desorientado.
Eram tantos livros,

e aí eu ando, e ando e fico...

e não consigo escolher nada,
eu podia escolher dois livros.

E eu ando, ando e ando e nada.
E vai esgotar o expediente,
por fim, a bibliotecária disse:

"Meu filho, você não vai
escolher seus livros? Você não
vai poder ficar morando aqui.

Escolha seu livro!" Eu disse:
"Não, eu já escolhi."

"E qual foi que você escolheu?"
Eu viro assim,

aí vejo duas lombadas vermelhas
com letras douradas.

Eu digo: "Ah, eu escolhi
estes dois livros."

"Você vai ler esses livros?"
Eu digo: "Vou, vou sim.
Eu os escolhi. Não posso, não?"

"Leve então. Acho um pouco
difícil para você."

E aí quando ela me mostra,
são "Ilíada" e "Odisseia".

Eu não havia escolhido,
mas os livros me escolheram.

Como diz Borges: "A porta é
quem escolhe e não o homem."

Digo isso porque então a
minha formação passa muito
pelos clássicos

porque não há uma saída, eu
só chego mesmo na literatura
mais contemporânea

quando vou morar em Recife.

Bom, aí eu leio, e leio, e leio,
e leio, e leio,

leio então na biblioteca de
um primo, aí, leio Machado,
leio José de Alencar,

aí começo a ler os clássicos,
Balzac, começo a ler...

bom, sempre clássicos.
Eu só vim a chegar na
literatura brasileira

e na literatura sul-americana

quando eu vou morar
no Recife em 1969.

Quando eu moro no Recife
então em 1969,

eu passo a frequentar
o departamento de
extensão cultural

da Universidade Federal
de Pernambuco,
do qual era presidente

uma figura muito famosa
na época,
chamada Ariano Suassuna.

Eu morava com um poeta
chamado Ângelo Monteiro

e o programa diário era ir até
o departamento de
extensão cultural

para Ariano ler trechos da
"Pedra do Reino"
que ele então escrevia,

isso em 1970, 71.

Toda uma literatura de
tradição oral

e toda uma literatura escrita
de forma bem mais informal

e de comercialização
pessoa a pessoa,
de mão a mão, que era a
literatura de cordel
que foi poderosíssima
no Nordeste,
e você pensa nesses exemplos,
nesses modelos de literatura,
você vai ver que o nosso mundo,
Minas está incluído nele,
teve, sim, uma grande cultura.



Então, escrever para mim
foi um exercício de
pôr papéis em gavetas.
Guardar papéis em gavetas.
Eu escrevo o meu conto
mais encorpado,
e que tem mesmo esse nome
de conto, em 1971.
Esse conto esteve engavetado
mais de 30 anos.
Eu só me torno escritor mesmo
quando eu digo
definitivamente pra mim:
"Bom, existem os bens de
cultura, eles são propriedade
de todos os homens,

de todas as latitudes. Se eles
são bens de cultura e
se eles são de todos os homens,

eles são meus. Então eu posso
usá-lo o quanto quiser,

quando quiser, como quiser,
me apropriar inteiramente."

Então, isso possibilita um
deslocamento muito grande
da minha memória

pelo que é meu e pelo que
é dos outros.

No mundo em que eu nasci,
me criei e vivi

era uma atividade que
não tinha um valor concreto,

um valor mensurável,
uma valor real.

Vocês compreendem?
Era subjetiva demais

se dizer escritor e escrever.
Embora, de modo algum,

eu vivesse no meio inculto.
Porque eu não vivo num
mundo inculto,

eu vivi num mundo muito culto,
de grande produção.

Era um mundo
de grande produção.

Existem escritas barrocas que,
no entanto, são boas.

Se você pega um escritor como
Antônio Lobo Antunes

e pega um romance dele como
"Os Cus de Judas",

é tão barroco, é tão
excessivamente barroco,

mas no entanto é um
livro honesto, um livro bom,

um livro tocante,
ele é muito tocante.

Mas ele é tão diferente de mim,
ele é quase a minha antítese.

Porque...

ele é tão excessivo nas
citações, mas há um outro
escritor que eu gosto tanto,

tem um livro chamados
"As Aventuras de Augie March",

que é do Saul Bellow,
um escritor americano,
judeu-americano,

que revolucionou a linguagem.
Esse romance é de 1955

e o livro é tão excessivo,
tão excessivo,

mas no entanto eu gosto tanto,
gosto demais mesmo.

O próprio João Ubaldo Ribeiro
é tão barroco,

e eu gosto de
João Ubaldo Ribeiro.

No entanto, eu gosto demais
de Borges, que é um escritor
em que nada sobra.

Gosto do "Pedro Páramo",
do Juan Rulfo

que para mim é uma
narrativa absoluta,

tão absoluta que Rulfo não
escreve quase nada mais depois.

E é uma literatura no osso,
então, eu posso também
gostar do barroco,

e gostar dessa literatura
no osso,

dessa literatura mais magra.

Acho que na hora H
eu me inclino mais

para essa avareza
no escrever.

Todo escritor carrega
consigo uma paisagem,

seja ela qual for.

Guy de Maupassant carregava
a Normandia,

Gabriel García Márquez
carrega a Aracataca dele
pelo mundo,

como a própria Isabela,
uma personagem, carregava
um saco de ossos, quem?

William Faulkner carrega
o Mississipi...

Saul Bellow que eu acabo
de citar, não escreve
sem Chicago.

Eu acho que todo escritor
tem uma paisagem.

Na verdade, eu tento atualizar
esse universo arcaico,

eu tento colocar na literatura
o choque de mundos,

 você compreende?
É essencialmente isso,
é essencialmente isso.

É uma literatura que tenta
mostrar esse choque.

Sem dúvida, eu coloco no que
escrevo o meu mundo.

O escritor tem uma memória.
Ao escrever, ele não faz mais
do que também reviver,

 repassar, reescrever
a sua própria vivência,

quem diz isso é Paula Fox,
uma escritora americana,

insiste muito nessa questão
e, com certeza,

Brayner é uma escritora de
memória no fim das contas,

seus romances são também
sua história.

Então eu acho que sem dúvida
nós nos colocamos.

É claro que quanto menos
subjetivo é um escritor,

mas ele tem condições de
escrever uma grande literatura.

Se você pensa em
Guimarães Rosa,
já que estou em Minas,

vamos falar de mineiros,
é a vivência do sertão,

é o conhecimento da cultura
popular, é a vivência com o
povo que permite que

ele escreva o
"Grande Sertão: Veredas".
Certo?

Mas é sofisticadíssima a
forma como ele escreve,

além de inventar um idioma,
também ele constrói um
tipo de discurso

em que fala com o sujeito
suposto do saber,

todo romance se constrói na
narrativa de Riobaldo

que fala para o
Compadre meu Quelemém,

que é um indivíduo
supostamente saber.

Isso é psicanálise,
isso é Freud. Então é a
mais alta modernidade.

Eu havia falado que a profissão
de escritor era uma profissão
muito vaga,

embora tivesse muitas pessoas
que tinham uma produção...

tinham uma produção literária.

Então, a literatura de cordel
era uma literatura
de muita circulação.

Mas naquele mundo,
as artes, música, literatura,

dança, teatro, o que fosse,
eram artes que andavam
juntas a outros ofícios,

ninguém tinha
somente o ofício
de ser escritor. Certo?

Havia uma impressão
de folhetos, assim, milhares,
milhares de folhetos

eram permanentemente impressos
e essa literatura circulava,

circulava muito porque o rádio
ainda não havia ganho o espaço
que ganhou posteriormente

e ainda não havia surgido
a televisão.

Então, era uma literatura
de grande circulação.

Além disso, haviam pessoas
que eram profissionalmente
narradores,

havam pessoas que circulavam
por todos aqueles sítios
e aqueles interiores

contando histórias.
Havia uma memória guardada,
circulante.

Um saber que circulava.
E, além disso, todo
indivíduo era um narrador.

Todo indivíduo se narrava.

Acho que escrever um conto
é muito diferente de
escrever um romance.

O conto, você consegue
abarcá-lo melhor.

Você tem um tempo
do conto.

O tempo do romance é
um tempo mais extenso,

é um tempo mais dilatado,
você passa muito tempo
com muitos personagens

que lhe acompanham,
lhe cobram,
lhe azucrinam o juízo,

lhe incomodam,
tiram seu sono,

montam nas costas e pesam.
No conto, os personagens
também têm força,

mas não têm a força dos
personagens do romance

como um Raskólnikov,
por exemplo,
de Dostoiévski.

Então, eu acho que escrever
contos implica

numa respiração, num tempo,
escrever um romance
numa outra respiração,

num outro tempo, escrever
teatro, também você precisa
dominar uma carpintaria,

sobretudo, a carpintaria
do diálogo, da cena,

eu acho que você se prepara
cada vez que vai escrever
dentro dessa linguagem,

mas às vezes você confunde
muito as coisas, tem horas
que eu não sei

se estou escrevendo para
teatro, se estou fazendo
um conto,

horas eu penso que estou
escrevendo um ensaio,
uma crônica,

então, o conto, ele também
avança nessa linguagem,

nessa linguagem da narrativa,
da crônica,

do ensaio, até do anedótico.

Sem dúvida, eu gosto muito
da exatidão.

É uma qualidade que eu
persigo muito.

O transtorno que o texto
precisa passar,

eu acho que pode ser
uma coisa que vem assim
como um choque,

como uma pancada mesmo,
como uma porrada,
tá entendendo?,

como uma facada.
Um murro na boca do estômago.

Eu gosto disso,
gosto disso na literatura.
Eu gosto.

Eu como Edgar Allan Poe
acho que a literatura

tem como função causar mesmo
o transtorno,

eu acho que ela é
para causar transtorno.

Eu não gosto de literatura
que ameniza, não.

Eu não acredito em escritores
que dizem:

"Ah, eu adoro escrever.
É tão bom. Eu passo o dia
tão cansado,

eu chego em casa, tomo um
banho, me sento na frente
do computador,

aí, começo a ler e escrever,

daí vou ficando legal,

tomo um copo de cerveja,
aí, depois, eu me deito
e durmo tão tranquilo."

Pô, isso não é literatura.
Eu não escrevo nem depois
das 6 da noite,

porque eu não durmo,
eu não durmo, entendeu?

Quando eu estava
escrevendo "Galileia",

quando estou escrevendo,
às vezes, alguns textos,

eu fico tão inquieto,
tão inquieto que a minha mulher
tem até medo de mim.

Ela diz que às vezes
tem vontade de até sair
do quarto

porque eu fico muito
transtornado.

Então eu não acredito em
nenhum escritor que não é
transtornado pelo que escreve,

pelo que lê. Vocês acham que
era alguma amenidade a
obra de Tchekhov?

Ou o romance de Dostoiévski?
Ou mesmo as Frioleiras de
Proust

têm uma carga de obsessividade,
tá entendendo?

Vocês acham que
"Madame Bovary" foi fácil?

Puxa, literatura não...

é isso mesmo.
Eu sei que

as pessoas estão
preferindo outra literatura,
tá entendendo?

Eu sei, eu sei, eu sei.
Bom, e a gente mesmo

às vezes quer ler uma coisa
mais leve, mais suave,

tá entendendo? Mas a literatura
tem uma função transformadora.

Ela nos transforma.
Eu acho que fui transformado
por alguns livros,

alguns livros me abalaram
profundamente, e eu me sinto
muito grato por isso.

A minha literatura,
na verdade, eu diria que
é uma literatura

que persegue em tudo o que
escrevo, rastros do feminino.

"Galileia" que é um romance
de personagens masculinos,

no fim de contas,
a grande epifania do livro

- eu vou até ler um trechinho
para vocês -

é a epifania do feminino.
Tudo que eu escrevo,
na verdade,

eu escrevo em busca
dessa revelação do feminino.

Do feminino em si,
do feminino no homem,

do feminino que nos cerca,
do feminino que está em tudo.

Essa epifania mesmo,
como epifania.

A grande questão do nosso
tempo é essa capacidade
que estamos perdendo,

cada vez mais,
de nos narrarmos.

Então, inventaram a profissão
de escritor,

antigamente, os escritores,
eles escreviam, mas

na antiguidade não havia
esse caráter de profissionalismo
que há hoje,

porque todo indivíduo era um
indivíduo capaz de se narrar.

Então, eu vivi num mundo em
que todas as pessoas
se narravam.

Então, o indivíduo que não é
capaz de se narrar,

que não é capaz de emendar os
fios da sua história do

início ao fim,

não é capaz de contar
uma história, entendeu?,

ele é um indivíduo doente.
Na verdade, o que eu narro

é o que eu ouvi,
o que eu sou

e o que eu incorporei de um
patrimônio que é meu

e do qual eu posso lançar mão,
porque é patrimônio coletivo.

O escritor, ele poderá ter
uma memória histórica,

mas ele terá que ter,
sobretudo,
uma memória divagante,

aquela memória inventada.

Aquela memória que se reinventa
e que se recria.

Eu faço esse deslocamento
para ela, eu me aproprio

dessa memória, reinvento
essa memória a meu modo
como escritor,

aí eu crio um conto,
crio uma narrativa.

E aí todos meus familiares
dizem que eu fui infiel

e que eu adulterei
completamente
a história do meu avô,

mas a literatura
é um adultério.

